

Mitterrand critica "estratégia do calote"

REALI JÚNIOR
Nosso correspondente

PARIS — Se o governo brasileiro e mesmo o PMDB esperavam alguma compreensão de certos países industrializados em relação a um comportamento de ruptura ou pelo menos de resistência ao Fundo Monetário Internacional e Clube de Paris, podem tirar o cavalo da chuva.

Mesmo setores políticos mais terceiromundistas da Europa têm reiterado sua posição (após reuniões de cúpula de Acapulco dos presidentes latino-americanos e de Abidjã, na Costa do Marfim, dos chefes de Estado e de governo da África), totalmente contrária à anulação da dívida ou decretação unilateral da moratória. Isso já ficou claro na entrevista exclusiva concedida à Agência Estado por Michel Rocard, quando o mais provável candidato socialista à Presidência da República da França (ca-

so Mitterrand não dispute a reeleição) criticou toda estratégia de ruptura dos países devedores com a comunidade financeira internacional.

Agora, a voz de François Mitterrand, que estaria preparando uma iniciativa importante nessa área, soma-se à dos demais para advertir os países endividados dos perigos que incorrem os que imaginam que podem não pagar suas dívidas com a comunidade financeira internacional, não aceitando, de forma alguma, a chamada "estratégia do calote".

Como se sabe, certos países devedores da África, durante a reunião de cúpula de Antibes, no último fim de semana e na qual o chefe de Estado francês estava presente, não pouparam críticas ao FMI e Clube de Paris, inclusive os presidentes Mobutu, do Zaire, e Omar Bongo, do Gabão, ambos tidos entre os mais moderados da África.

À medida que as reuniões de cú-

pula do México e da Costa do Marfim resultaram em tomada de posições comuns dos países envolvidos, mesmo reconhecendo que as negociações devem ser efetuadas caso por caso, teme-se que uma evolução mais a longo prazo possa conduzir grupos de países devedores à constituição de um verdadeiro cartel.

Ora, Mitterrand era, até agora, o chefe de Estado que mantinha o discurso mais generoso em relação aos países endividados (discurso de Cancún), apesar de que excetuando-se o que a França fez pelos 16 países mais necessitados da África nos últimos anos, tudo não passou de retórica.

Mitterrand, agora, faz uma reavaliação de seu discurso, tendo afirmado aos chefes de Estado dos países endividados da África: "Alguns pensam em recorrer a soluções unilaterais, acreditando que dessa forma podem resolver o problema da divi-

da. Isso não passa de ilusão, pois os países que agirem dessa forma correm o risco de isolamento no interior da comunidade financeira internacional, privando-se de uma parte do apoio financeiro que terá necessidade posteriormente".

Ontem, Michel Rocard, a segunda grande expressão atualmente entre os socialistas franceses, repetiu, para quem quisesse ouvir, o seu apelo aos países endividados para que "rejeitem a idéia de fundo separado, de cartel — ou seja qual for o nome que queiram dar — de devedores", tendo acrescentado: "A idéia de uma comunidade de países endividados é tão interessante quanto seria irrealista a tentativa de solucionar o problema da dívida sem diálogo".

Essa posição corresponde a certo consenso na França, alcançando, inclusive, os setores liberais e até os mais conservadores.

Mitterrand: um novo discurso